

A Tensão Anarquista



Anti-copyright. Cópia e distribuí livremente!
raividições

raivida@yahoo.com

A Tensão Anarquista

Alfredo Bonanno

Fico sempre um pouco embaraçado quando começo uma conversa; pelo menos no início. E este embaraço aumenta se for no que erradamente chamamos de conferências, ou como mais modestamente as tratamos, conferências-debates. Afinal, o que acontece é que alguém aparece de outro lado qualquer, talvez vindo de outra geração, como se tivesse caído do céu desde o passado. Alguém que se levanta nesta sala de aulas para iniciar uma conversa e estranhamente, perigosamente até, se parece com aquela/es que vos martelam os cérebros, com intenções bem diferentes. Contudo, se escutarem com atenção, para lá das aparências, há uma considerável diferença nos conceitos que estou prestes a delinear.

O primeiro destes conceitos toma a forma de uma questão:

O que é o anarquismo? Pode parecer estranho que eu levante tal problema nesta situação, pois eu sei com toda a certeza que se encontram aqui muit@s anarquistas, visto que @s conheço pessoalmente. E mesmo que não soubessem mais nada, @s anarquistas deviam saber pelo menos o que é o anarquismo. Ainda assim, é necessário levantar a questão “o que é o anarquismo?” constantemente. Mesmo que em poucas palavras. E por quê isso? Isto normalmente não acontece noutras expressões da vida, noutras actividades ou pensamentos que se definem, com algum fundamento, ser uma coisa ou outra.

E, portanto, @s anarquistas continuam a colocar-se a mesma questão: o que é o anarquismo? O que significa ser anarquista? Porquê? Porque não é uma definição que possa ser feita para sempre, posta num cofre e considerada um património que possa ser extraído pouco a pouco. Ser-se anarquista não significa que se alcançou uma certeza, ou que se disse de uma vez por todas “ok, de agora em diante, eu possuo a verdade e como tal, pelo menos do ponto de vista da ideia, sou uma pessoa superior”. Alguém que pense

quisimo insurreccional do presente.
Obrigado.

Traduzido e editado por raividições, 2006
da versão inglesa *The Anarchist Tension* (Jean Weir)
1998 Elephant Editions, London.
Título original: *La Tensione Anarchica*, de Alfredo M.
Bonanno.
1996 Edizioni Laboratorio, Cuneo.

Na sociedade libertada onde a anarquia foi alcançada numa dimensão bastante ideal, @s anarquistas, que são indispensáveis na luta social a todos os níveis, teriam simplesmente o papel de empurrar as lutas cada vez mais para a frente; eliminando mesmo os mais pequenos traços de poder e sempre aperfeiçoando a tensão em direcção à anarquia. @s anarquistas, em qualquer caso, habitam um planeta desconfortável, pois quando a luta está a correr bem elas são esquecid@s e quando a luta corre mal, são acusad@s de serem @s responsáveis, de terem tido uma abordagem errada, de terem conduzido às conclusões erradas. Não tenhamos ilusões, portanto, no que diz respeito a quaisquer resultados quantitativos: se a luta realizada de um ponto de vista insurreccional está correcta, se correu bem, os resultados, se é que os há, podem ser úteis às pessoas que a levaram a cabo, não às/aos anarquistas, certamente. É importante não cairmos na ilusão em que muit@s anarquistas caem, de acreditar que o desfecho positivo de uma luta pode resultar num crescimento nos nossos grupos, porque isso não é assim e isto conduz sistematicamente e desilusões. O crescimento dos nossos grupos e um aumento no número de companheir@s é importante mas isso não vem no seguimento dos resultados obtidos, mas através da construção, da formação, destas ideias-força, a clarificação sobre a qual falámos antes. Os resultados positivos das lutas e o crescimento numérico em grupos anarquistas são duas coisas que não podem ser vistas como um processo de causa e efeito. Elas podem estar relacionadas, ou podem não estar.

Apenas algumas palavras para sumariar. Falei sobre o que o anarquismo é, o que a democracia é e sobre a incompreensão com a qual constantemente somos confrontad@s; das maneiras que as estruturas do poder a que chamamos capitalismo moderno, capitalismo pós-industrial, estão a ser transformadas; de algumas estruturas anarquistas de luta que não mais são aceitáveis hoje em dia e do modo que alguém se pode opor à realidade do poder e, finalmente, mencionei a diferença entre anarquismo tradicional e o anar-

assim é anarquista apenas na palavra. Ao invés, @ anarquista é alguém que realmente se coloca em dúvida como tal, como pessoa, e se pergunta: o que é a minha vida no que respeita ao que faço e em relação ao que penso? Que conexão consigo manter cada dia em tudo o que faço, um modo de ser anarquista continuamente e não chegar a acordos, não fazer pequenos compromissos diários, etc...?

O anarquismo não é um conceito que possa ser encerrado numa palavra, como numa lápide. Não é uma teoria política. É um modo de conceber a vida, e a vida, sejamos jovens ou velh@s, velh@s ou crianças, não é algo definitivo: é uma aposta que devemos jogar dia após dia. Quando acordamos de manhã e pomos os pés no chão, devemos ter uma boa razão para nos levantarmos, se não não faz diferença nenhuma sermos anarquistas ou não. Podemos muito bem continuar na cama e dormir. E para termos uma boa razão, devemos saber o que queremos fazer; porque para o anarquismo, para @ anarquista, não há qualquer diferença entre o que fazemos e o que pensamos; há sim uma contínua inversão de teoria em acção e de acção em teoria. É isso que torna @ anarquista diferente de qualquer pessoa que tenha outro conceito de vida e que cristaliza este conceito numa prática política, em teoria política.

É isto que normalmente não vos é dito, é isto que vocês nunca lêem nos jornais, é isto que não está escrito nos livros, é sobre isto que a escola invejosamente se mantém calada, porque isto é o segredo da vida: nunca separem o pensamento da acção; as coisas que sabemos, as coisas que compreendemos, das coisas que fazemos, das coisas com as quais levamos a cabo as nossas acções.

Aqui está o que distingue um/a polític@ de um/a revolucionári@ anarquista. Não as palavras, não os conceitos e, permitam-me, em certos aspectos nem mesmo as acções, pois não é a sua extrema – radical, digamos – conclusão em ataque que diferencia e caracteriza as acções. Não é nem mesmo a exactidão na escolha de objectivo que as qualifica, mas sim a maneira na qual a pessoa, @ companheir@ que realiza estas acções, tem sucesso em torná-las num

momento expressivo da sua vida, numa caracterização específica, cheia de significado, de qualidade de vida, de prazer, de desejo, de beleza; não a realização prática, não a realização mal-humorada de uma façanha que é mortalmente um fim em si mesma e que lhe permite dizer: “Fiz alguma coisa hoje”, longe de mim mesm@, na periferia da minha existência.

Aí, isso é uma diferença. E desta diferença outra emerge, uma considerável, na minha opinião. Alguém que pense que as coisas a fazer estão fora de nós mesm@s e são realizadas como um número de sucessos e falhanços – a vida é uma escada, às vezes sobe-se, às vezes desce-se, há alturas em que as coisas correm bem, outras em que correm mal – aí, quem quer que seja que pense que a vida é feita de tais coisas: por exemplo, a figura clássica d@ polític@ democrátic@ (a bem da verdade, alguém com quem é possível conversares, um/a tip@ amigável, tolerante, que tem um lado permissivo, que acredita no progresso, no futuro, numa sociedade melhor, na liberdade); bem, uma pessoa assim, provavelmente não estando com um casaco de fato, sem gravata, à vontade, uma pessoa que ao perto se parece com um/a companheir@ e que ela mesma se declara como sendo um/a companheir@, esta pessoa podia muito bem ser um bófia, não faz qualquer diferença. Porque não? Há polícias democrátic@s, o tempo da repressão de uniforme acabou, a repressão tem aspectos amigáveis, hoje em dia; reprimem-nos com montes de ideias brilhantes. Como podemos nós identificar esta pessoa, então? Esta/e democrata, como @ podemos nós reconhecer? E se ele/a nos puxa o gorro para cima dos nossos olhos de modo a evitar que @ vejamos, como podemos nós defendermo-nos dela/e? Nós podemos identificá-l@ através deste facto: para ela/e a vida é execução, a sua vida é feita de fazer coisas, um fazer quantitativo que se revela nos seus olhos, e nada mais.

Quando falamos com alguém não podemos pedir para ver o seu cartão de sóci@. As suas ideias muitas vezes acabam por nos deixar totalmente confus@s e incapazes de compreender qualquer coisa, porque tod@s nós somos fixes

entrar no edifício de se assim não fosse. Isto é interessante. Podemos usar estruturas deste tipo, mas na altura do ataque, tais lugares são-nos proibidos. Se tivéssemos aqui vindo com a intenção de atacar, a polícia ter-nos-ia obviamente impedido.

Agora, porque o poder se realiza no espaço físico, a relação d@s anarquistas com isto é importante. É claro que a insurreição é um facto individual e portanto, naquele lugar bem dentro de nós, à noite enquanto estamos quase a adormecer, pensamos: “...bem, em última análise as coisas não estão demasiado mal”; sentimo-nos em paz com nós mesm@s e adormecemos. Aí, nesse particular lugar dentro de nós, nesse espaço privado, podemos movimentarmo-nos como quisermos. Mas depois devemos transferirmo-nos para o espaço físico da realidade social. E o espaço físico, quando se pensa nisso. Está quase totalmente sob o controlo do poder. Portanto, quando nos movimentamos neste espaço nós levamos este valor de insurreição connosco, estes valores revolucionários, e ajustamo-los num conflito no qual não somos @s únic@s presentes. Devemos então individualizar objectivos significantes e verificar a sua existência – e se tivermos sorte estes objectivos existem para sempre, em todo o lado -, contribuir para criar as condições para que as pessoas, @s explorad@s nas costas d@s quais estes objectivos são realizados, façam algo para os destruir.

Acredito que este processo revolucionário tem uma natureza insurreccional. Não possui objectivos (e isto é importante) de natureza quantitativa, pois a destruição de um alvo ou o impedimento de um projecto não podem ser medidos em termos quantitativos. Por vezes acontece alguém perguntar-me: “mas que resultados conseguimos obter?”. Quando algo é feito, as pessoas depois nem sequer se lembram d@s anarquistas. “Anarquistas? Quem são estas anarquistas? Monarquistas? São essas pessoas que apoiam o rei?”. As pessoas não se recordam muito bem. Mas o que é que isso interessa? Não é a nós que elas devem recordar, pois a luta é delas; nós somos apenas uma oportunidade nessa luta. Somos algo extra.

dar um passo a partir do qual não é fácil voltar atrás. Ela/es devem entrar num relacionamento com pessoas que não são anarquistas acerca de um problema que é intermédio, circunscrito (tal como, por exemplo, a destruição da base em Comiso). Não importa o quão fantástica ou interessante esta ideia possa ter sido, ela certamente não foi a realização da anarquia. O que teria acontecido se se tivesse realmente conseguido entrar na base e destruí-la? Não sei. Provavelmente nada, provavelmente tudo! Não sei, ninguém o pode dizer. Mas a beleza de realizar o evento destrutivo não é para ser encontrada nas suas possíveis consequências.

@s anarquistas não garantem nenhuma das coisas que fazem. Ela/es focam a responsabilidade de pessoas e estruturas, com base na decisão de que estão determinad@s a actuar, e a partir desse momento sentem-se segur@s de si mesm@s, pois a ideia de justiça ilumina a sua acção. Ela foca a responsabilidade de uma pessoa, ou de mais do que uma, uma estrutura ou muitas estruturas, e as consequências a que tal responsabilidade conduz. É aqui que encontramos determinação d@s anarquistas para actuar.

Mas uma vez que ela/es agem em conjunto com outras pessoas, devem também tentar construir organismos que sejam capazes de se manter unidos e de criar consequências na luta contra o poder. Não devemos nunca esquecermo-nos disto. E este é um ponto importante para reflectirmos: que o poder se realiza no tempo e no espaço, ele não é algo abstracto. O controlo não seria possível se as esquadras da polícia não existissem, se as prisões não existissem. O poder legislativo não seria possível se o parlamento não existisse, ou se não houvessem pequenos parlamentos regionais. O poder cultural que nos oprime, que fabrica opinião, não seria possível se não houvessem escolas nem universidades. Agora, escolas, universidades, esquadras da polícia, prisões, indústrias, fábricas, são tudo coisas que se realizam em locais específicos, em zonas circunscritas nas quais podemos vaguear apenas se aceitarmos dadas condições e alinharmos no jogo. Nós estamos aqui hoje porque concordámos jogar o jogo. Não teríamos sido capazes de

fala-baratos progressistas e tod@s valorizamos a beleza da tolerância e tal. Como podemos nós ver que temos um/a inimig@ diante de nós, @ pior d@s noss@s inimig@s? É que pelo menos podíamos-nos defender d@ antig@ fascista. Batia-nos, e se fôssemos capazes de isso batíamos-lhe, endurecid@s. Agora as coisas mudaram, a situação mudou. Pode até ser difícil de pescar um@ brutamontes fascista hoje em dia. Mas @ indivídu@ que estamos a tentar descrever, esta/e democrata que encontramos em todo o lado, na escola, no Parlamento, nas ruas ou no uniforme de polícia, um/a juiz/a ou um/a médic@, esta/e pessoa é noss@ inimig@, porque considera a vida de um modo diferente do que nós a consideramos, porque para ela/e a vida é um outro tipo de vida, não é a nossa vida, pois para ela/e nós somos extraterrestres, e eu também não vejo porque é que @ devíamos considerar um/a habitante do nosso planeta. Esta é a linha divisória entre nós, porque o seu conceito de vida tem uma natureza quantitativa, porque ela/mede as coisas como sucesso ou, se quiseres, falhanço, mas sempre de um ponto de vista quantitativo, e nós medimo-las de modo diferente, e é sobre isso que devíamos estar a pensar: de que modo é que a vida tem um significado diferente para nós, um significado que é qualitativamente diferente?

Assim, esta/a amável cavalheir@ vinga-se com criticismo para cima de nós e diz: “sim, @s anarquistas são boas pessoas mas são ineficientes. O que é que fizeram ao longo da história? Que Estado foi alguma vez anarquista? Alguma vez ela/es realizaram um governo sem governo? Não é uma sociedade livre, uma sociedade anarquista, uma sociedade sem poder, uma contradição?”. E este calhau crítico que se abate sobre nós é certamente consistente, porque de facto se olhares de perto mesmo para onde @s anarquistas estiveram perto de concretizar a sua utopia, como em Espanha ou na Rússia, se olhares de perto, descobres que estas construções estão de alguma maneira abertas a críticas. Elas são certamente revoluções, mas não são revoluções libertárias, não são anarquia.

Portanto, quando esta/es senhora/es dizem: “vocês são

utópico@s, vocês anarquistas são sonhadora/es, a vossa utopia nunca iria resultar”, nós devemos responder: “sim, é verdade, o anarquismo é uma tensão, não uma realização, não uma tentativa concreta de chegar à anarquia amanhã de manhã”. Mas devemos também ser capazes de dizer: “mas vocês, distinto@s cavalheir@s democratas no governo, que regulam as nossas vidas, que pensam que podem entrar nas nossas cabeças, nos nossos cérebros, que nos governam através das opiniões que formam diariamente nos vossos jornais, nas universidades, nas escolas, etc..., o que é que @s senhora/es realizaram? Um mundo no qual valha a pena viver? Ou um mundo de morte, um mundo no qual a vida é um assunto liso, vazio de qualquer qualidade, sem qualquer significado? Um mundo no qual uma pessoa atinge determinada idade, está prestes a receber a reforma, e se pergunta:” mas o que é que eu fiz com a minha vida? Qual foi o sentido de ter vivido todos estes anos?”.

Foi isso que vocês realizaram, é isso que a vossa democracia é, a vossa ideia do povo. Vocês estão a governar um povo, mas o que é que “povo” significa? Quem é o povo? É ele talvez aquela pequena, nem mesmo muito significativa, parte que vota, que vai às eleições, que vota em vocês, que nomeia uma minoria, que por sua vez nomeia outra minoria ainda mais pequena que a primeira, e que nos governa em nome da lei? Mas o que são estas leis, senão a expressão dos interesses de uma pequena minoria, especificamente com o objectivo primeiro de beneficiar as suas próprias perspectivas de enriquecimento, o reforço do seu poder e por aí fora? Vocês governam em nome de um poder, uma força que advém do quê? De um conceito abstracto, vocês realizaram uma estrutura que pensam que pode ser melhorada... mas como, sendo assim, foi alguma vez ela melhorada na história? Em que condição é que estamos hoje a viver que não uma condição de morte, de um alisamento de qualidade? Esta é a crítica que precisamos de atirar de volta às/aos apoiantes da democracia. Se nós anarquistas somos utópico@s, somo-lo como uma tensão em direcção à qualidade; se @s democratas são utópico@s, são-no como uma

Comiso no início dos anos 80. @s anarquistas que entrevistaram durante dois anos construíram “ligas auto-gestionadas”. Estas ligas auto-gestionadas eram precisamente grupos não-anarquistas que operavam na zona, com o objectivo único de evitarem a construção da base através da destruição do projecto ao longo da sua realização.

As ligas eram núcleos autónomos caracterizados pelo facto de que o seu único objectivo era atacar e destruir a base. Eles não pegaram em um conjunto enorme de problemas, porque se o tivessem feito ter-se-iam tornado grupos de sindicalistas com o objectivo de, digamos, defender empregos ou encontrar trabalho ou resolver outros problemas imediatos. Em vez disso, o seu único objectivo era destruir a base. A segunda característica era o conflito permanente, isto é, a partir do momento em que estes grupos se formaram, (eles não eram grupos especificamente anarquistas, mas havia pessoas neles que eram anarquistas), entraram em conflito com todas as forças envolvidas na construção da base, sem este conflito ser determinado ou declarado por qualquer organismo representativo ou pelo@s anarquistas que promoveram a iniciativa. A terceira característica era a completa autonomia destes grupos, ou seja, eles não tinham ligações com quaisquer partidos ou sindicatos, etc. A luta contra a base é conhecida apenas em parte. E não sei se é o caso de lembrar a história aqui novamente, apenas quis mencioná-la como um exemplo.

Portanto, o anarquismo insurreccionalista deve ultrapassar um problema essencial. Ele deve ir para além de um certo limite, caso contrário permanecerá nada mais do que a ideia de anarquismo insurreccionalista. Isto quer dizer que @s companheir@s que viveram essa insurreição de natureza pessoal que mencionámos anteriormente; essa iluminação que produz uma ideia-força dentro de nós, em oposição ao tagarelar da opinião, e que formam grupos de afinidade, que entram em relacionamentos com companheir@s de outros lugares através de um tipo informal de organização, apenas realizam uma parte do trabalho. A dado momento ela/es devem decidir, devem ir para além da linha divisória,

afinidade que entram em contacto uns com os outros, com o fim de trocaram ideias e fazerem coisas em conjunto, e consequentemente, a existência de uma organização, também bastante espalhada pelo país, composta talvez até por dezenas, ou porque não, centenas de organizações, estruturas, grupos com um carácter informal, baseada na discussão, análises periódicas, coisas para fazer em conjunto, etc. A lógica organizacional do anarquismo insurreccional é diferente à das organizações que abordámos anteriormente quanto ao anarco-sindicalismo. As formas organizacionais aqui referidas em poucas palavras são dignas de análise, coisa que não consigo fazer na dimensão de uma conferência. Mas tal modo de organizar iria, em minha opinião, permanecer simplesmente algo dentro do movimento anarquista, não tivesse ele também o objectivo de realizar relações para além deste; ou seja, através da construção de grupos externos, núcleos externos, também com características informais.

Estes grupos não deviam ser composto apenas por anarquistas, qualquer pessoa que deseje lutar para atingir dados objectivos, mesmo que restritos, poderiam participar desde que levassem em conta um conjunto de condições essenciais. Primeiro que tudo, “conflito permanente”, ou seja, grupos com a característica de atacar a realidade na qual se encontram sem esperarem por ordens de outro lado qualquer. A seguir, a característica de serem “autónomos”, ou seja, não dependendo ou tendo relações nenhuma com partidos políticos ou organizações sindicais. Finalmente, a característica de encararem os problemas um a um e não propor plataformas de reivindicações genéricas, que iriam inevitavelmente transformar-se em administração segundo as linhas de um mini-partido ou de um pequeno sindicato alternativo. O sumário destas ideias pode parecer bastante abstracto e é por isso que antes de terminar gostaria de dar um exemplo, porque algumas destas características podem ser melhor compreendidas na prática.

Um modelo teórico deste tipo foi usado numa tentativa de evitar a construção da base de mísseis Americana em

redução em direcção à quantidade. E contra a redução, contra o atrofio vivido numa dimensão do mínimo prejuízo possível para ela/es e do máximo prejuízo para o grande número de pessoas que são exploradas, a esta miserável realidade nós opomos a nossa utopia, que é pelo menos uma utopia de qualidade, uma tensão em direcção a outro futuro, um que será radicalmente diferente àquele em que vivemos hoje.

Portanto, todas as observações feitas por qualquer pessoa que vos fale em nome do realismo político, “homens de Estado”, professora/es (que são @s serv@s dos “homens de Estado”), teóric@s, jornalistas, tod@s @s intelectualóides que passam por salas de aulas como estas e na sua dialogante conversa com as palavras calmas, tolerantes, do estado realista, que em qualquer caso nenhuma outra coisa é possível, a realidade é o que é, é necessário fazer sacrifícios; aí, estas pessoas estão a defraudar-vos. Estão a defraudar-vos porque vocês podem fazer algo mais, porque qualquer um/a de nós é capaz de se erguer em nome da nossa dignidade ferida diante de tal falsidade. Porque qualquer um/a de nós se pode aperceber de que fomos enganad@s, porque finalmente nos apercebemos do que se está a fazer em nosso detrimento. E ao erguermos-nos contra tudo isso nós podemos mudar não só a realidade das coisas dentro dos limites em que é possível conhecê-las, mas também a nossa vida, fazê-la valer a pena de ser vivida. Uma pessoa pode levantar-se de manhã, pôr os pés no chão, olhar-se ao espelho e dizer: “pelo menos fui capaz de mudar as coisas, pelo menos tanto quanto a mim me diz respeito” e sentir-se uma pessoa digna de viver a sua vida, não um/a fantoche nas mãos de um/a manipulador/a de fantoches que nem sequer consegue ver bem o suficiente para lhe cuspir na cara.

É por isso que @s anarquistas retornam constantemente à questão de o que o anarquismo é. Porque o anarquismo não é um movimento político. Ou melhor, é, mas apenas num aspecto menor. O facto de o movimento anarquista se apresentar historicamente como um movimento político não

significa que isto esgote todo o potencial de vida anarquista. O anarquismo não se dissolve no grupo anarquista de Cuneo, ou em grupos em Turim, Londres ou noutro sítio qualquer. Isso não é o anarquismo. É claro que há anarquistas lá, ou pelo menos devemos supor que há, o tipo de companheir@s que começaram a sua própria insurreição individualmente, que se tornaram conscientes do contexto de obrigação e coerção em que são forçados a viver. Mas o anarquismo não é apenas isso, é também uma tensão, a qualidade de vida, a força que conseguimos extrair de nós mesm@s, a capacidade de mudar a realidade das coisas. O anarquismo é o total deste projecto de transformação ligado ao que nós realizamos em nós mesm@s quando atingimos a nossa mudança pessoal. Portanto, ele não é um facto quantificável que possa ser escrito na história. Nem é um acontecimento que irá simplesmente ocorrer no decorrer do tempo, aparecendo através de teorias particulares, de pessoas, de movimentos, assim como de, porque não, actos revolucionários específicos. Há sempre algo mais do que a soma destes elementos, e é este algo mais que continua a fazer o anarquismo viver de outras maneiras. Assim, nós precisamos constantemente de manter um relacionamento entre esta tensão em direcção a algo completamente diferente, o impensável, o indizível, uma dimensão que devemos realizar sem sabermos muito bem como, e a experiência diária das coisas que podemos e, de facto, fazemos. Um relacionamento específico de mudança, de transformação.

O primeiro exemplo que me ocorre sobre este assunto é outro elemento contraditório. Pensem no conceito por detrás da frase “há problemas para serem resolvidos”. Isto é uma frase clássica. Tod@s temos problemas por resolver. A própria vida é um problema a ser resolvido. Viver é um problema, as nossas condições sociais, ter de romper o círculo que nos restringe, os simples acontecimentos do quotidiano. Nós consideramos tudo isto um problema.

As estruturas que nos oprimem (penso que muit@s d@s aqui presentes são estudantes) afirmam que os problemas podem ser resolvidos e que elas podem resolvê-los por nós.

das estruturas do passado. Não se pode apresentar numa dimensão de síntese, como organizações do passado onde a estrutura anarquista reclamou sumariar a realidade em “comissões” que tratavam de todos os vários problemas, tomando decisões em congressos periódicos com base em teses que remontavam até ao século passado. Tudo isto viu a sua hora; não porque um século passou desde que foi pensado, mas porque a realidade mudou.

É por isso que declaramos que há uma necessidade de formação de pequenos grupos baseada no conceito de afinidade, mesmo grupos pequeninos constituídos por muito poucos companheir@s que se conheçam e aprofundem este conhecimento, porque não pode haver afinidade se uma pessoa não tem conhecimento sobre a outra. Alguém pode apenas reconhecer as suas afinidades indo aos elementos que determinam as suas diferenças, interagindo. Este conhecimento é um facto pessoal, mas é também uma questão de ideias, de debate, de discussões. Mas em relação aos primeiros pontos que tocámos esta noite, se se lembram, não pode haver ida às ideias se não houver também uma prática de levar acções a cabo. Assim, há um contínuo processo recíproco de nos dirigirmos às ideias e de realizarmos acções.

Um pequeno grupo de companheir@s, um pequeno grupo que simplesmente se encontra à noite para conversar um bocado, não seria um grupo de afinidade, mas sim um grupo de amig@s, colegas dos copos que se encontram à noite para falar sobre qualquer coisa sob o sol. Pelo contrário, um grupo que se encontra para discutir e ao discutir se prepara para fazer e nesse fazer contribui para desenvolver a discussão que se transforma ela mesma em mais discussão sobre coisas para fazer, este é o mecanismo do grupo de afinidade. Como, então, podem os grupos de afinidade entrar em contacto com outros onde o conhecimento profundo que existe no grupo singular não existe necessariamente? Este contacto pode ser assegurado pela organização informal.

Mas o que é uma organização informal? Podem existir relacionamentos de tipo informal entre os vários grupos de

trágico, sangrento, que poderá atravessar processos inconcebivelmente violentos, inconcebivelmente trágicos.

Tudo isto é o tipo de realidade para o qual nos dirigimos. Não porque é o que nós desejamos, não porque gostamos de violência, sangue, destruição, guerra civil, morte, violação, barbaridade. Não é por isso, mas porque é o único caminho plausível, o caminho que a transformação desejada por aquela/es que nos governam e que estão no comando tornaram necessário. Ela/es mudaram-se para este caminho. Nós não podemos, com um simples voo da imaginação, mudar tudo isso. No passado, hipóteses onde uma forte classe trabalhadora existia, uma pessoa podia enganar-se a si própria sobre esta passagem e organizar-se consoante esse engano. Por exemplo, a proposta organizacional do anarco-sindicalismo viu um forte movimento sindicalista que, penetrando a classe trabalhadora e organizando a sua quase totalidade, era para levar a cabo esta expropriação e passagem. Este sujeito colectivo, que foi provavelmente mítico desde o início, não existe mais, mesmo na sua versão mítica, portanto que sentido haveria num movimento sindicalista de natureza revolucionária? Que sentido existiria no movimento anarco-sindicalista? Nenhum.

Portanto, a luta devem começar noutro lado, com outras ideias e métodos. É por isso que temos vindo a desenvolver uma crítica do sindicalismo e do anarco-sindicalismo há cerca de quinze anos. É por isso que nós somos, e nos definimos, anarquistas insurreccionalistas. Não porque pensamos que a solução seja as barricadas – as barricadas poderiam ser uma consequência trágica de escolhas que não são as nossas – mas somos insurreccionalistas porque pensamos que a acção anarquista deve necessariamente enfrentar problemas bastante sérios. Estes problemas não são desejados pelo anarquismo, são sim impostos pela realidade que aquela/es no poder construíram, e ainda assim nós não podemos apagá-los simplesmente desejando que desapareçam.

Uma organização anarquista que se projecta a si mesma no futuro deve, portanto, ser ágil. Ela não se pode apresentar com as enfadonhas características e o peso quantitativo

Ainda mais, elas usam o exemplo de problemas que são resolvidos em geometria, matemática, etc... mas este tipo de problema, os problemas de matemática que são apresentados como resolvíveis, são falsos problemas; eles não são realmente solucionados de todo. As respostas a eles são uma simples repetição do mesmo problema sob outra forma; em termos técnicos, uma tautologia. Uma pessoa diz uma coisa e responde repetindo essa mesma coisa de outra forma. Portanto, basicamente, o problema não é resolvido de modo algum, é simplesmente repetido.

E quando falamos sobre resolver um problema que envolve as vidas de tod@s nós, a nossa existência diária, estamos a falar de questões de tal complexidade que não podem ser restringidas a uma simples repetição do próprio problema. Tomem, por exemplo, “o problema da polícia”. A existência da polícia constitui um problema para muit@s de nós. Que não haja dúvidas que @ agente da polícia é um instrumento de repressão usado pelo Estado para evitar que façamos determinadas coisas.

Como é que resolvem tal problema? Pode o problema da polícia ser resolvido? A própria questão mostra-se absurda. Não há nada que seja a resolução do problema da polícia. Contudo, de um ponto de vista democrático, seria possível solucionar certos aspectos seus através da democratização de certas estruturas, da mudança de atitudes d@s polícias e por aí fora. Agora, pensar que isto pode ser uma solução para o problema de controlo e repressão seria tão estúpido quanto ilógico. Na realidade, não é nada mais do que um modo de regular a repressão mantendo os interesses do poder, do Estado. Se uma política democrática é útil hoje em dia, uma muito menos democrática estrutura de controlo e nela incluída permanece o grande mal-entendido. Porquê? A repressão pode ser útil no futuro, assim como já o foi no passado e quaisquer minorias invulgares, marginais, que pensem de outra forma sobre o assunto serão expulsas ou eliminadas das fileiras.

Quando digo polícia, quero dizer qualquer estrutura repressiva, desde a polícia militar à judiciária, todas a

expressões do Estado que servem para nos controlar e reprimir. Assim, como podem ver, os problemas sociais não podem ser resolvidos. O engano operado pelas estruturas democráticas é precisamente a sua reivindicação de resolver tais problemas. Este engano mostra como as políticas democráticas não são baseadas na realidade nem mesmo num mínimo de concreção. Está tudo montado sobre a suposição que as coisas podem ser melhoradas, que podem ser resolvidas com o tempo, que podem ser endireitadas. É sobre esta ideia de endireitar as coisas que a força do poder reside, e é sobre este melhoramento que o poder se sustém e continua a médio e longo prazo. As relações de poder alteram-se, enquanto esperamos pelo que nos prometeram, mas que nunca chega. Porque estes melhoramentos nunca se materializam. Porque o poder se muda e transforma ao longo da história, permanecendo sempre o mesmo. Uma mão cheia de homens, uma minoria de pessoas privilegiadas que contêm os manípulos do poder, que olham pelos seus interesses e que salvaguardam as condições de supremacia de quem quer que seja que esteja no comando.

Agora, que instrumentos é que nós temos para combater este estado das coisas? Eles querem controlar-nos? Então nós recusamos o controlo. É claro que podemos fazer isto. Sem dúvida que o fazemos, tentando minimizar os estragos. Mas recusar o controlo num contexto social é apenas válido até certo ponto. Podemos circunscrever certos aspectos, gritar quando somos golpead@s injustamente; mas há claramente certas áreas do poder onde as regras se chamam leis, os sinais indicam vedações e pessoas que se auto-intitulam polícias evitam que nós entremos. Não há qualquer dúvida, tentem entrar no Parlamento e vejam o que acontece. Sei lá. Certos níveis não podem ser trespassados, certos controlos são inevitáveis.

Portanto, o que é que nós fazemos para contrariar esta situação? Simplesmente sonhar? Ter uma ideia de liberdade, que além do mais tem de ser cuidadosamente formulada, pois não podemos dizer: “a liberdade que @s anarquistas querem é simplesmente uma redução no controlo”. Nes-

de levarem o conceito de luta sindical até à últimas consequências, libertando-a da dimensão mais estreita do regatear sindical e desenvolvendo-a directa à realização da revolução através da greve geral. Assim, segundo @s anarcosindicalistas, a sociedade do futuro, a libertada sociedade anarquista, seria nada mais do que a sociedade actual liberta do poder mas com as mesmas estruturas produtivas, não mais nas mãos d@s capitalistas mas nas mãos do colectivo que as iria gerir em comum.

Este conceito é absolutamente impraticável hoje em dia, por várias razões. Primeiro, porque a transformação tecnológica tornou impossível haver uma simples passagem da sociedade actual para a futura, na qual desejamos viver. Uma passagem directa seria impossível, pela simples razão de que não é possível usar as tecnologias de informação em formas libertadas, de um modo libertador: as novas tecnologias e as aplicações tecnológicas computacionais não se limitaram a trazer certas modificações em instrumentos específicos, elas transformaram também todas as outras tecnologias. A fábrica, por exemplo, não é simplesmente uma estrutura do passado mais a tecnologia computacional, ela tornou-se uma fábrica computadorizada, o que é bastante diferente. Tendo isto em mente, podemos apenas mencionar estes conceitos de um modo muito geral, pois levaria algum tempo a analisá-los apropriadamente. Assim, devemos reconhecer que não é possível usar este património. Esta passagem corre paralela ao fim do mito da centralidade da classe trabalhadora. Agora, numa situação em que a classe trabalhadora praticamente se desintegrou, a possibilidade de uma expropriação dos meios de produção não existe mais. Portanto, qual é a conclusão? A única conclusão possível é que este conjunto de instrumentos de produção que temos diante de nós seja destruído. A única maneira possível é transportar a dramática realidade da destruição. Se a revolução que imaginamos e que, além disso, não temos a certeza se algum dia chegará, ela não será a revolução do passado que se via como um único evento que podia até ter lugar em um dia, ou numa agradável noite, mas será um caso longo,

mente. Mas as condições mudaram. Isto não é a realidade, não é esta espera que nos interessa. O que nos interessa é outro tipo de intervenção, um muito mais modesto, mas que é capaz de alcançar qualquer coisa. Como anarquistas, nós somos chamad@s a fazer algo. Somos chamad@s pela nossa própria responsabilidade individual e pelo que dissemos anteriormente – a partir do momento em que a ideia nos ilumina a mente, não a ideia de anarquia, mas a de justiça, a de liberdade... quando estas ideias iluminam as nossas mentes e vemos a fraude que temos diante de nós (o que hoje, mais do que nunca, podemos definir por “fraude democrática”), o que podemos nós fazer? Devemos pôr mãos à obra, e este pôr mãos à obra significa também organizarmo-nos. Significa criar as condições de referência e relação entre anarquistas, condições que devem ser outras que não as do passado.

A realidade mudou. Como disse anteriormente, estão a construir uma pessoa diferente, uma pessoa desqualificada, e estão a construí-la porque precisam de construir uma sociedade desqualificada. Ela/es removeram a figura d@ trabalhador/a do centro da concepção da sociedade política como ela era, depois de @ desqualificarem. No passado, @ trabalhador/a suportava o grande choque da exploração. É por isso que se pensou que esta figura social iria necessariamente dar origem à revolução. Basta pensarmos na análise Marxista. “O Capital” de Marx é dedicado à “libertação” d@ trabalhador/a. Quando Marx fala de pessoa, ele refere-se à/ao trabalhador/a. Na sua análise de valor, ele está a falar do andamento do trabalho; na sua análise da alienação, ele está a falar do trabalho. Não há nada que não diga respeito ao trabalho. Mas é assim porque @ trabalhador/a era central à análise Marxista quando esta foi desenvolvida. A classe trabalhadora podia ser vista como o centro da estrutura social.

Usando uma análise diferente, @s anarquistas também andaram perto de considerar a posição d@ trabalhador/a como o centro do mundo social. Pensem na análise anarco-sindicalista. Para @s anarco-sindicalistas era uma questão

se caso, ver-nos-íamos confrontados com o problema: “mas onde é que termina esta redução no controlo?”. A um nível mínimo, talvez? Por exemplo, iria o Estado tornar-se legítimo para @s anarquistas se, em vez de ser o Estado opressor de hoje, ele fosse, digamos, “o ideal Estado mínimo d@s liberais”? Não, certamente que não. Assim, esse não é o modo de pensar. Não é uma questão de tentar limitar o controlo, mas de abolir totalmente o controlo. Nós não somos por mais liberdade. Mais liberdade é dada à/ao escrav@ quando as suas correntes são alongadas. Nós somos pela abolição da corrente, portanto nós somos pela liberdade, não por mais liberdade. Liberdade significa a ausência de todas as correntes, a ausência de limites e tudo o que sucede de tal afirmação.

A liberdade é um conceito difícil, desconhecido. É doloroso, e ainda assim é visto como algo belo, doce, tranquilo. Como um sonho tão longínquo que nos faz sentir bem, como todas as coisas que, sendo longínquas, constituem esperança e fé, uma crença. Noutras palavras, estes inatingíveis, que aparentemente solucionam os problemas do presente, de facto não os resolvem, apenas os turvam, dão-lhes a volta, impedindo que tenhamos uma visão clara de todas as mágoas do nosso tempo. Tudo bem, um dia seremos livres. OK, as coisas arqueiam-se numa confusão, mas no meio desta confusão existe uma força subterrânea, uma ordem involuntária independente de nós mesm@s, que trabalha no nosso lugar, que irá gradualmente mudar as condições de sofrimento nas quais vivemos e que nos transportará para uma dimensão livre, onde tod@s viveremos felizes para todo o sempre. Não, isso não é liberdade, isso é um engano que tragicamente se assemelha à velha ideia de Deus que muitas vezes nos ajudou, e ainda ajuda muitas pessoas hoje em dia, no seu sofrimento, porque dizem a si mesmas: “muito bem, estamos a sofrer hoje, mas estaremos bem melhor no outro mundo”. De facto, como diz o evangelho, “os últimos serão os primeiros”, convertendo @s últim@s de hoje, pois elas/es vêem-se como @s primeir@s de amanhã.

Se camuflássemos tal ideia de liberdade como real,

estaríamos a fazer nada mais do que a embalar o sofrimento de hoje, medicamentando feridas sociais exactamente da mesma maneira que o padre cura @s pobres que escutam o seu sermão, iludindo-se a si própri@s que o reino de Deus @s irá salvar da sua dor. @s anarquistas não podem pensar deste modo: a Liberdade é um conceito destrutivo, que envolve a eliminação absoluta de todos os limites. Agora, a liberdade é uma ideia que devemos trazer nos nossos corações, mas ao mesmo tempo precisamos de perceber que, se a desejamos, devemos estar pront@s para enfrentar todos os riscos que a destruição envolve, todos os riscos de destruir a ordem constituída sob a qual estamos a viver. A liberdade não é um conceito para nos embalar, na esperança que melhoramentos se desenvolverão independentemente da nossa verdadeira capacidade de intervir.

De modo a compreender tais conceitos, a tornarmo-nos conscientes dos riscos que uma pessoa corre por empunhar conceitos tão perigosos, nós devemos ser capazes de formar a ideia dentro de nós.

Há também uma considerável confusão acerca deste ponto. É costume considerar-se que qualquer coisa que passa pelas nossas cabeças é uma ideia. Uma pessoa diz “tenho uma ideia”, e depois tenta perceber o que isso significa. Isto é o conceito Cartesiano de ideia, oposto ao Platónico, que é um ponto de referência abstracto longínquo. Mas não é a isto que nos referimos quando dizemos ideia. A ideia é um ponto de referência, um elemento de força que é capaz de transformar a vida. É um conceito carregado de valor, que se torna um conceito de força, algo que pode desenvolver-se e fazer o nosso relacionamento com @s outr@s diferente. Tudo isto é uma ideia. Mas qual é a fonte de onde nascem os elementos que tornam possível elaborar tais ideias? Escola, universidade, jornais, livros, professora/es, técnica/os, televisão e por aí fora? O que é que chega até nós a partir destes instrumentos de informação e de elaboração cultural? Uma acumulação considerável de informação desaba sobre nós, ferve dentro de nós como um caldeirão, fazendo-nos produzir opiniões. Tendemos não a ter ideias,

montagem, por exemplo, usam continuamente robôs constituídos sobre a base conceptual de ilhas, pequenos grupos trabalhando em conjunto, que se conhecem e se controlam uns aos outros e por aí fora. Este tipo de mentalidade não se encontra apenas na fábrica. Não é somente um/a “nov@ trabalhador/a” que estão a construir, mas uma “nova pessoa”; uma pessoa flexível, com ideias humildes, bastante opaca nos seus desejos, com níveis culturais consideravelmente reduzidos, linguagem pobre, leitura estandardizada, uma limitada capacidade para pensar e uma grande capacidade para tomar rápidas decisões “sim” ou “não”. Ela/es sabem como escolher entre duas possibilidades; um botão amarelo, um botão vermelho; um botão preto, um botão branco. Este é o tipo de mentalidade que estão a construir. E onde é que o estão a construir? Na escola, mas também no quotidiano. O que irão ela/es fazer com tal pessoa? Usá-la-ão para alcançar todas as modificações que são necessárias para a reestruturação do capital. Ela será útil para uma melhor gestão das condições e relações do capitalismo de amanhã. E que relações serão estas? Serão baseadas numa mudança cada vez mais rápida, num apelo à satisfação de desejos não-existentes, desejos que são pilotados, determinados por pequenos grupos que se estão a tornar cada vez mais numerosos. Esta nova pessoa é o oposto do que somos capazes de imaginar ou desejar; o oposto da qualidade, da criatividade, o oposto do verdadeiro desejo, do prazer de viver, o oposto de tudo isto. Como podemos nós lutar contra a realização desta pessoa-tecnológica? Como podemos nós combater esta situação? Poderemos esperar que chegue um grande dia, um grande dia que irá virar o mundo ao contrário? O que @s anarquistas do século passado chamaram “*la grande soirée*”? A grande noite ou o grande dia – “*le grand jour*”? – na qual forças que ninguém podia adivinhar acabam por tomar o controlo, explodindo naquele conflito social por que tod@s aguardamos, chamado revolução? E assim tudo mudará e haverá um mundo de perfeição e prazer? Esta é uma ideia milenar. Agora que nos aproximamos do fim do milénio ela podia desabrochar nova-

oferecêssemos a nossa cumplicidade às/aos assassins no poder?

Vêem agora o quão diferente e crítica é a situação para quem é bem sucedido, através de uma análise profunda da realidade ou simplesmente por sorte ou azar, em deixar uma ideia tão clara como a ideia de justiça penetrar no seu cérebro? Há muitas ideias assim. Por exemplo, a ideia de liberdade é semelhante. Qualquer pessoa que pense sobre o que a liberdade realmente é, mesmo que por breves momentos, nunca mais será capaz de se contentar com o simples fazer algo para aumentar ligeiramente a liberdade das situações em que vive. A partir desse momento sentir-se-á culpada e irá tentar fazer algo para aliviar o sofrimento. Receará ter feito mal por não ter feito nada até agora, e a partir daí a sua vida mudará completamente.

Basicamente, o que é que o Estado pretende com a formação de opinião? O que é que o poder quer? Sim, é óbvio, ele quer criar opinião em massa pois, a partir disso, é capaz de efectuar determinadas operações, tais como votar, formar grupos de poder e por aí fora. Mas isto não é tudo o que ela/es querem. Ela/es querem o nosso consenso. Ela/es querem a nossa aprovação. E o consenso é obtido através de instrumentos específicos, especialmente aqueles que têm uma natureza cultural. Por exemplo, a escola é um dos reservatórios a partir dos quais o consenso é realizado e a força de trabalho intelectual futura, e não apenas intelectual, é construída.

Hoje o capitalismo requer um tipo de pessoa diferente em relação aos que necessitou no passado. Até há pouco tempo houve uma necessidade de pessoas com capacidades profissionais, orgulho nestas capacidades e qualificações particulares. Hoje a situação é bem diferente. O mundo do trabalho requer um nível de qualificação bastante modesto, enquanto qualidades que não existiam, e eram até inconcebíveis no passado, tais como flexibilidade, adaptabilidade, tolerância, capacidade de intervenção em reuniões, etc... são requeridas em primeiro lugar.

Enormes unidades de produção baseadas em linhas de

mas opiniões.

Essa é a trágica conclusão. O que é uma opinião? É uma ideia alisada, uma ideia que foi uniformizada de modo a tornar-se aceitável para o maior número de pessoas. As opiniões são ideias massificadas. É importante para o poder que estas opiniões se mantenham, pois é através da opinião, do controlo da opinião, que ele obtém determinados resultados, entre eles os mecanismos de propaganda e procedimentos eleitorais através do uso dos média. A formação de novas elites do poder advém não de ideias, mas de opiniões.

O que é que significa então alguém opor-se à fabricação de opiniões? Significa adquirir mais informação? Quer dizer, opor contra-informação à informação? Não, isso não é possível, pois não interessa como olhas para ela, não te é possível opores-te à enorme quantidade de informação com a qual somos bombardeados diariamente com contra-informação capaz de “desmascarar”, através de um processo de investigação de causas escondidas, a realidade que foi coberta por todo aquele palavreado informativo. Não, nós não podemos operar nessa direcção. Quando tentamos fazê-lo, apercebemo-nos de que isso não tem sentido, de que nós não somos capazes de convencer as pessoas.

É por isso que@s anarquistas vêem o problema da propaganda sempre criticamente: sim, é óbvio, como vocês podem ver há aqui uma mesa bem preenchida, como sempre acontece em iniciativas ou conferências deste género. Há sempre os nossos panfletos, os nossos livros. Nós estamos sobrecarregados com panfletos e somos bastante boas/bons a dar vida a estas publicações. Mas esse não é o único tipo de trabalho que precisamos de fazer, e em qualquer caso eles não contêm elementos de contra-informação, ou se contêm é puramente accidental. Este trabalho tem essencialmente o objectivo, ou deveria ter, de construir uma ideia ou um certo número de ideias-chave, um certo número de ideias fortes.

Deixem-me dar-vos só um exemplo. Ao longo dos últimos três ou quatro anos desenvolveu-se um assunto que os

jornais relataram usando termos terríveis como “*tangentopol*” ou “mãos limpas” (procedimentos legais em curso nos quais muit@s polític@s foram sentenciad@s por terem aceitado dinheiro de capitalistas em troca de contratos nos sectores de obras públicas) e por aí fora. Agora, o que é que esta operação instigou nas mentes das pessoas? Ela construiu a opinião de que a lei é capaz de endireitar as coisas, de condenar polític@s, de mudar condições, e portanto pode levar-nos dos velhos conceitos típicos da primeira República Italiana para os novos da Segunda República. Esta opinião, este processo, é claramente bastante útil. Por exemplo, permitiu a emergência de uma “nova” elite do poder para tomar o lugar da antiga. Nova até certo ponto, mas com certas características e tristes ressurgimentos das cinzas de velhos hábitos e personagens. Esta é a maneira de as opiniões funcionarem.

Agora, considerem a comparação deste processo de fabricação de opiniões, que tem consideráveis vantagens apenas para o poder, com a construção de uma ideia-força que pode ser uma análise em profundidade do conceito de justiça. A diferença é abismal. Mas qual está certa? Por exemplo, foi certamente correcto para muit@s, e também nós o considerámos correcto, que o líder do ex-partido socialista Craxi fosse forçado a permanecer fechado na sua vivenda na Tunísia. A coisa toda foi muito agradável, até nos fez rir, fez-nos sentir bem porque é bastante bom quando porc@s àquele nível acabam sendo post@s fora de circulação. Mas é isso a verdadeira justiça? Por exemplo, Andreotti está em dificuldades. Parece que beijou Rima [chefe da máfia] na bochecha.

Tais notícias certamente que nos fazem sorrir, fazem-nos sentir melhor, porque um porco como Andreotti era aborrecido mesmo ao nível simplesmente físico, apenas vê-lo na TV era o suficiente. Mas qual é esta ideia de justiça? Os juízes procuradores Di Pietro e Borrelli têm uma legião de fãs. Milhões de pessoas foram arrastadas para este processo de uniformização da opinião.

É o conceito de justiça, sobre o qual temos de reflectir,

algo diferente? A que é que ele deveria conduzir? Ele dever-nos-ia conduzir ao reconhecimento de que se Craxi ou Andreotti são responsáveis, então pessoas como Di Pietro ou Borrelli são igualmente responsáveis. Porque se os primeiros são políticos, os outros são magistrados. O conceito de justiça significa delinear uma linha divisória entre aquela/es que apoiam e defendem o poder e aquela/es que se lhe opõem. Se a própria existência de poder é injusta, e se todas as tentativas, algumas das quais acabámos de ver, se revelam como sendo nada mais do que fraudes auto-justificativas, qualquer pessoa de poder, mais ou menos democrática que ela possa ser, mantém-se sempre no lado errado da justiça, faça o que fizer.

Construir tal conceito de justiça obviamente significa formar uma ideia, uma ideia que não encontras nos jornais, que não se passa nas salas de aulas ou nos auditórios das universidades, que não se pode tornar um elemento de opinião ou levar as pessoas a votar. De facto, tal ideia conduz a um conflito interno. Porque diante do julgamento de uma pessoa, essa pessoa pergunta-se: “mas eu, com a minha ideia de justiça social, de que maneira é que eu o vejo quando o que Di Pietro faz parece bom? Estou também eu a ser levad@ a passear, sou também eu um instrumento de opinião, um terminal dos grandes processos para a manutenção do poder, tornando-me não apenas sua/seu escrav@, mas também sua/seu cúmplice?”

Chegámos finalmente lá. Alcançámos o ponto da nossa própria responsabilidade: porque se é verdade que para @s anarquistas não há diferença entre teoria e acção, assim que a ideia de justiça social se acende dentro de nós, assim que ilumina o nosso cérebro, mesmo que por uma fracção de segundo, ela nunca mais se irá extinguir. Porque não interessa o que pensemos, sentir-nos-emos culpad@s, sentiremos que somos cúmplices, cúmplices de um processo de discriminação, repressão, genocídio, morte, um processo do qual nunca mais seremos capazes de nos sentir separad@s. Como poderíamos nós assumirmo-nos revolucionári@s se assim não fosse? Que liberdade estaríamos nós a apoiar se